

GEOGRAFIA E EDUCAÇÃO: CONTRIBUIÇÕES DA GEOGRAFIA PARA GESTÃO EDUCACIONAL¹

André Barreto Sandes^{*}

RESUMO

A educação pode ser considerada um dos principais pilares para a construção de uma sociedade mais justa. No entanto, os inúmeros problemas que as escolas públicas enfrentam atualmente têm reduzido progressivamente a possibilidade de ascensão individual e coletiva dos educandos que necessitam desses serviços. O presente trabalho tem como principal objetivo demonstrar a contribuição da geografia para a gestão educacional através de um estudo etnográfico realizado com estudantes do 3º ano do Ensino Médio de 2009 no Colégio Estadual Ruy José de Almeida (CERJA), onde trata da contribuição da Geografia para a Educação e apresenta dados referentes à percepção dos estudantes em relação ao espaço físico, relacional e pedagógicos da escola. A pesquisa realizada, por ter caráter subjetivo, está entrelaçada com aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e com o intervalo de tempo em que foi realizada. Portanto, os métodos utilizados foram o fenomenológico, que consiste em descrever a experiência tal como ela é, e o método dialético, que é dinâmico porque considera os fatos dentro de um contexto maior.

Palavras-chave: Geografia. Espaço. Educação. Gestão educacional.

ABSTRACT

Education can be considered one of the main pillars to build a fairer society. Nevertheless, the various problems which public schools face nowadays have progressively reduced the possibility of promoting individual and collective development of students who need these services. The main aim of this paper is to show the contribution of geographical research to educational management through an ethnographic study conducted with third graders of high school in 2009 at Ruy José de Almeida State School (CERJA), deals with the contribution of Geography to Education and presents data on students' perceptions concerning the physical, the relational and the pedagogical space of the school. As this research has a subjective feature, it is intertwined with political, social, economic and cultural aspects and with the time it was performed. Therefore, the methods used were the phenomenological method, which describes the experience the way it really is, and the dialectical method, which is dynamic because it considers the facts within a broader context.

Keywords: Geography. Space. Education. Educational management.

¹ Texto vinculado à tese de Mestrado: SANDES, André Barreto. *Contribuição da pesquisa geográfica para a gestão educacional: estudo etnográfico no Colégio Ruy Jose se Almeida – Laje – BA.* Orientadora Laude Erandi Brandenburg; co-orientador Remí Klein. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: EST/PPG, 2010. 97 fl.

^{*} André B. Sandes: Educador, Licenciado em Geografia (UNEB), Especialista em Educação Ambiental e Desenvolvimento Sustentável (UEFS) y Gestão Educacional (FAZAG), Mestre em Teologia – Educação Comunitária com Infância y Juventude (EST), Doutorando em Educação (UCSF - Argentina) y escritor de Livros Infantis.

Introdução

A escola é um dos espaços mais nobres que a humanidade conseguiu produzir em toda sua história porque pode ser percebida como o “berçário da sociedade”, onde o cidadão é despertado, onde se adquire valores morais que servirão por toda sua vida e se desenvolvem potencialidades.

Nesses espaços educativos, a pessoa se apropria e constrói conhecimento, começa a perceber que é no trabalho cotidiano que a história e o espaço geográfico são construídos e que o destino do planeta depende das ações no presente.

No entanto, percebe-se que a educação pública atualmente enfrenta uma crise profunda, necessitando de um esforço coletivo dos educadores e da própria sociedade no sentido de buscar alternativas, possíveis de serem aplicadas, para melhorar efetivamente sua qualidade, bem como cobrar do Poder Público mais compromisso com esse setor tão importante para o desenvolvimento humano.

É nesse contexto que a pesquisa geográfica tende a contribuir, oferecendo uma fundamentação teórico-metodológica através de levantamento de dados. Espera-se, dessa forma, despertar nos educandos o autoconhecimento e um compromisso político com o espaço que ocupam. Entende-se nesse trabalho por “pesquisa geográfica” a investigação de questões sociais, culturais e econômicas em escala local, bem como a percepção que a comunidade pesquisada tem do espaço que estuda e da sociedade em que vive.

Pesquisas dessa natureza permitem traçar um perfil da comunidade estudantil para que se possa, posteriormente, construir uma gestão fundamentada e contextualizada, única alternativa capaz de dar conta da complexidade que envolve a educação.

No Brasil, um país com dimensões continentais, a flexibilidade curricular tem como meta atender a diversidade cultural, social, econômica, regional e local. A pesquisa geográfica se apresenta como instrumento para um planejamento a curto, médio e longo prazo, que norteará ações prévia e democraticamente estabelecidas.

Aqui será apresentado dados referentes à percepção dos estudantes em relação ao espaço físico, relacional e pedagógico da escola.

A Geografia e os desafios contemporâneos

A Geografia é a ciência que estuda o espaço e os lugares, investigando os aspectos socioambientais e as inúmeras relações que se estabelecem em escala local. Dessa forma, surge como uma ciência de “elo”, proporcionando diálogo entre áreas aparentemente distintas do conhecimento, num fascinante exercício de interdisciplinaridade.

O novo profissional da educação precisa perguntar-se: por que aprender, para quê, contra quê, contra quem. O processo de aprendizagem não é neutro. O importante é aprender a pensar, a pensar a realidade e não pensar pensamentos já pensados. Mas a função do educador não acaba aí: é preciso pronunciar-se sobre essa realidade que deve ser não apenas pensada, mas transformada.²

Questões sociais, culturais e econômicas devem fazer parte dessa teia de investigações dos educadores, uma vez que é muito comum oferecer os piores serviços a comunidades carentes e desinformadas, que são, muitas vezes, percebidas apenas como eleitores e, por isso, seus direitos acabam com as eleições.

Diante desse quadro, já não se deveria ficar no mero discurso da resistência crítica. Trata-se de ocupar, de forma criativa, os acessos ao conhecimento disponível e gerar, positivamente, propostas de direcionamento dos processos cognitivos – dos indivíduos e das organizações coletivas – para metas vitalizadoras do tecido social.³

Qualidade em educação faz parte de todos os discursos. No entanto, na prática, são muitos os que se favorecem da ignorância e se apropriam desse conceito para se beneficiar politicamente. No entanto, a educação não deve ser percebida como uma “batata quente”, cuja responsabilidade é sempre de terceiros, mas sim fazer parte das discussões, tanto na academia quanto no cotidiano informal dos grupos de pessoas. A Geografia, nesse sentido, por ter como objeto de estudo a sociedade, o espaço e suas relações, não pode ficar distante desse debate, mas deve oferecer sua contribuição nesse processo.

² FREIRE *apud* GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003. p. 53.

³ ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo a sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 27.

Segundo Milton Santos, “o espaço geográfico não apenas revela o transcurso da história como indica a seus atores o modo de nela intervir de maneira consciente”.⁴ Freire também demonstra concordar com isso. Para Freire, “na medida em que os homens, dentro de sua sociedade, vão respondendo aos desafios do mundo, vão temporalizando os espaços geográficos e vão fazendo história pela sua própria atividade criadora”.⁵

Portanto, a mudança de postura, comportamento e práticas e a necessidade de rever conceitos e fazer a diferença fazem parte do processo de formação do cidadão (crítico e consciente), da qual a escola tem, ou deve ter, grande responsabilidade.

Dessa forma, “a possibilidade de cidadania plena das pessoas depende de soluções a serem buscadas localmente [...] a base geográfica dessa construção será o lugar, considerado como espaço de exercício da existência plena”.⁶

O desenvolvimento de pesquisas com esse caráter ajuda a agregar conhecimento e fundamentar as discussões, construindo oportunidade de educandos, educadores e funcionários, juntos, ler, refletir, discutir, criticar e construir alternativas para, ao menos, minimizar os problemas diagnosticados em pesquisas, seja através de mudanças de atitudes coletivas, seja através de cobrança de direitos junto aos órgãos responsáveis.

Neste sentido, a inserção de projetos nas escolas propicia um momento privilegiado para debates a respeito das questões ambientais em espaços construídos, garantindo uma formação com duplo caráter: o de formar cidadãos comprometidos e sensíveis à preservação da qualidade de vida e o de ingressar nas universidades com maturidade que permita desenvolver suas atividades profissionais no mercado de trabalho, sem privilegiar o econômico em detrimento do social e do ambiental.

Para Freire, “o educador que, ensinando geografia, ‘castra’ a curiosidade do educando em nome da eficácia da memorização mecânica do ensino dos

⁴ SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento crítico a consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 80.

⁵ FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979. p. 33.

⁶ SANTOS, 2001, p. 113-114.

conteúdos, tolhe a liberdade do educando, a sua capacidade de aventurar-se. Não forma, domestica”.⁷

Um dos grandes desafios contemporâneos que se apresenta para os educadores é o de contribuir para formação de pessoas capazes de ver as coisas com mais profundidade, com um senso crítico aguçado, com sensibilidade social e ambiental e, sobretudo, com a capacidade de agir como protagonistas no espaço geográfico.

Para tanto, “à educação cabe fornecer, de algum modo, os mapas de um mundo complexo e constantemente agitado e, ao mesmo tempo, a bússola que permita navegar através dele”.⁸ Nesse sentido, Freire também reforça que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”,⁹ demonstrando a importância de acreditar na educação como instrumento de emancipação.

A questão da qualidade na educação e a contribuição da pesquisa geográfica

A escola é uma das poucas instituições que sobre o “produto final” não existe padrão de qualidade definido devido à extrema complexidade que envolve a avaliação de sua qualidade. A princípio, para discutir esse conceito, é importante salientar que quantidade e qualidade não se excluem.

Educação tem sido o termo resumo para designar qualidade. Por uma série de razões, entre elas por estar na base da formação do sujeito histórico, crítico e criativo, educação perfaz a estratégia mais decisiva de fazer oportunidades, segundo Pedro Demo, quem ainda distingue qualidade formal de qualidade política, defendendo que a qualidade formal significa a habilidade de manejar meios e instrumentos, técnicas e procedimentos diante do desafio de desenvolvimento, está relacionada à produção de conhecimento, enquanto a qualidade política se refere à

⁷ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 63.

⁸ DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999. p. 89.

⁹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000. p. 59.

competência do sujeito em forma de ação, de fazer história na sociedade através da participação.¹⁰

Como não há receitas a serem seguidas, a busca da qualidade deve ser intensiva e perene. Esse desafio deve ser assumido pelos educadores se quiserem melhorar efetivamente a qualidade da educação. Todos estamos modestamente a caminho, fazendo o caminho ao andar. Como nos ensinou o cantor catalão Juan Manuel Serrat, cantando versos do poeta clássico espanhol Antonio Machado: “Caminante, no hay camino, se hace el camino al andar”.¹¹

É importante ter em mente o mesmo raciocínio de Freire, quando escreveu: “todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje. De modo que o nosso futuro baseia-se no passado e se corporifica no presente, temos de saber o que fomos e o que somos, para saber o que seremos”.¹²

Qualidade total é um termo muito utilizado atualmente, principalmente no setor empresarial, para designar organização e produtividade. No entanto, esse termo não se aplica à educação pública porque escola de “qualidade total”, afirma Demo, supõe necessariamente um professor formal e politicamente adequado e, por isso, bem remunerado, o que não é comum quando se refere à educação, especialmente a pública.¹³ Esse autor volta a discutir esse assunto quando escreve que boa parte da imagem consolidada da escola pública é como coisa pobre, para o pobre, porque falta tudo e nada funciona bem.¹⁴

Outra questão que merece destaque são os indicadores quantitativos de desempenho como frequência, repetência e evasão, dentre outros, que desviam o principal foco da educação, a formação integral do ser humano. Utilizando as palavras de Demo, a qualidade começa pela adequação da quantidade, quantidade é alicerce para qualidade.¹⁵ Dessa forma, não há como chegar à qualidade sem uma educação emancipadora, sem recursos, tampouco sem os elementos relacionados à quantidade que são extremamente necessários para o bom desempenho das atividades propostas.

¹⁰ DEMO, Pedro. *Educação e qualidade*. Campinas: Papyrus, 1994. p. 14-15.

¹¹ SERRAT *apud* ASSMANN, 2001, p. 205.

¹² FREIRE, 1979, p. 33.

¹³ DEMO, 1994, p. 19.

¹⁴ DEMO, 1994, p. 64.

¹⁵ DEMO, 1994, p. 70.

Esses problemas exógenos dificultam o trabalho docente e distanciam a educação da qualidade, que fica restrita a programas eleitoreiros e discursos oportunistas de candidatos que têm interesse em uma educação adestradora, que deforma o cidadão à medida que forma o eleitor passivo, pedinte e alheio a seus direitos. Esse tipo de problema deve ser incorporado aos debates entre educadores, a fim de que lutem pelo reconhecimento e melhor remuneração. Essa luta deve ser travada pelos profissionais que acreditam na educação como trampolim para a consolidação de uma sociedade mais justa.

Por isso, o novo professor precisa desenvolver habilidades de colaboração (trabalhar em grupo, trabalhar a interdisciplinaridade), de comunicação (saber falar, seduzir, escrever bem, ler muito), de pesquisa (explorar novas hipóteses, duvidar, criticar) e de pensamento (saber tomar decisões).¹⁶ Nessa perspectiva, estará contribuindo na formação de verdadeiros cidadãos.

Cidadania, para Demo, é um fenômeno que se nutre da inter-relação entre consciência crítica e capacidade de tomar iniciativas.¹⁷ Educação qualitativa é precisamente aquela que constrói a capacidade de questionar, para melhor agir. No princípio da educação, está o questionamento, bem como a pesquisa.

A pesquisa deve fazer parte do cotidiano escolar, requisito para se planejar, discutir, tomar decisões e, sobretudo, para servir como instrumento de intervenção na realidade. Dessa forma, a pesquisa é mais um instrumento que norteará o trabalho pedagógico, sendo uma oportunidade de os envolvidos nesse processo ler, reler, refletir, discutir, criticar e construir mecanismos para, ao menos, minimizar os problemas diagnosticados na pesquisa, seja através de mudanças de atitudes coletivas ou cobrança de direitos junto aos órgãos responsáveis.

Nessa perspectiva, e ainda conciliando teoria, pesquisa e prática, torna-se possível criar uma atmosfera favorável para o despertar do pesquisador em potencial que cada educador carrega consigo, de modo que desenvolva progressivamente um senso crítico, a capacidade de olhar sua realidade com mais profundidade, sempre acompanhado de questionamentos filosóficos, reflexões de caráter moral, ético e político.

¹⁶ GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 54.

¹⁷ DEMO, 1994, p. 50.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. [...] Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ao anunciar a novidade.¹⁸

Assim, superação das velhas dicotomias entre saber e mudar, entre cientista e professor, teoria e prática, faz aproximar o conhecimento da vida. Portanto, um grande desafio para educadores e gestores diz respeito a desmistificar a ideia do cientista que só pensa e diz como fazer e buscar alternativas nas unidades em que trabalha, para despertar o cientista/pesquisador adormecido que trazem consigo.

Vale ressaltar, mais uma vez, a importância da teoria vinculada com a prática, que é a única capaz de transformar efetivamente a realidade. Precisa-se, dessa forma, despertar o cientista prático que faz do cotidiano um laboratório e do conhecimento um alimento para melhoria da qualidade de vida coletiva.

É nesse contexto que cabe a introdução da *Pesquisa geográfica*, cujo propósito é investigar questões sociais, culturais e econômicas da comunidade pesquisada, bem como a percepção que elas têm do lugar que estudam e do espaço em que vivem. Pesquisas dessa natureza permitem traçar um perfil da comunidade estudantil e conhecer, com mais profundidade, particularidades imperceptíveis aos olhos do senso comum.

De acordo com Milton Santos,

Devemos considerar que o mundo é formado não apenas pelo que já existe (aqui, ali, em toda parte), mas pelo que pode efetivamente existir (aqui, ali, em toda parte). O mundo datado de hoje deve ser enxergado como o que na verdade ele nos traz, isto é, um conjunto presente de possibilidades reais, concretas, todas factíveis sob determinadas condições.¹⁹

Uma gestão educacional fundamentada na pesquisa de caráter geográfico, na perspectiva acima mencionada, aumenta consideravelmente a probabilidade de acertar nos projetos desenvolvidos nas escolas. Assim, a pesquisa geográfica assume um papel relevante na busca da qualidade através da investigação de questões referentes ao espaço escolar.

¹⁸ FREIRE, 2000, p. 32.

¹⁹ SANTOS, 2001, p. 160.

A seguir, serão apresentados os resultados do estudo e a contribuição da pesquisa geográfica realizada no CERJA com o objetivo de realizar um planejamento bem definido e condizente com as expectativas dos educandos.

Um estudo de caso no Colégio Estadual Ruy José de Almeida (CERJA)

O estudo de caso realizado no CERJA tem como objetivo investigar a realidade em escala local, de modo que o resultado da pesquisa sirva como referência para buscar alternativas que melhorem a qualidade de vida da comunidade pesquisada.

Para tanto, adotou-se nesse trabalho um estudo etnográfico, cujo propósito foi investigar o perfil socioeconômico e cultural bem como a percepção que os estudantes do terceiro ano do Ensino Médio têm do espaço que ocupam e da dimensão pedagógica que influencia diretamente em seu rendimento estudantil.

Das seis turmas de terceiro ano de 2009, foram aplicados 10 questionários em cada turma. Portanto, o universo de estudantes da escola nesse ano letivo foi: no matutino: Turma A: 41 e Turma B: 43 estudantes; no vespertino: Turma C: 38 e Turma D: 40 estudantes; e no noturno: Turma E: 33 e Turma F: 25 estudantes. Dessa forma, havia 220 estudantes no 3º ano, sendo que 60 responderam ao questionário, o equivalente a aproximadamente 17,8% do total.

Os métodos utilizados foram o fenomenológico, que consiste em descrever a experiência tal como ela é, e o método dialético, que é dinâmico porque considera os fatos dentro de um contexto social, cultural, econômico e político.

Esse subtítulo tratará das informações coletadas e dos resultados obtidos com a pesquisa.

Caracterização do objeto de estudo

Espaço físico

O CERJA tem um espaço físico amplo em relação a outras escolas do Município de Laje. Os dados coletados demonstraram que 88,3% dos estudantes questionados consideram o espaço interno bom, 10% assinalaram regular e apenas 1,7% consideraram ruim.

Em relação à poluição sonora, 58,3% do total de entrevistados avaliaram como médio porque incomodava pouco e apenas 11,7% revelaram que se sentiam realmente incomodados com o barulho na escola. Comparando por turnos, foi possível perceber que o matutino majoritariamente considerou médio (representando 80% do total), o vespertino, apesar de 30% consideraram médio, 25% consideraram alto porque os ruídos incomodavam muito. No noturno, por sua vez, nenhum estudante considerou alto o barulho, metade considerou baixo e a outra metade considerou médio, o que demonstra que é o turno mais “tranquilo” em relação à poluição sonora, apesar de ser o que tem a maior quantidade de classes funcionando. Isso pode ser influenciado pela idade e maturidade dos estudantes e/ou pelo desgaste do trabalho, geralmente braçal, que a grande maioria enfrentava em seu cotidiano.

Referente à limpeza da escola, consideraram boa ou regular 98,4% do total de estudantes questionados sendo que, apenas 1,6% consideraram ruim, indicação essa que apareceu apenas no turno matutino. Observemos o que eles escreveram a esse respeito:

1) Matutino: “Regular, porque o chão às vezes está bem sujo”. “Regular, porque encontro pouca sujeira”. “Bom, porque quando eu chego encontro sempre limpo”...

Observe que na primeira e na segunda frase, mesmo justificando de forma semelhante, um considerou regular e o outro boa, o que demonstra a relatividade da percepção de cada indivíduo.

2) Vespertino: “Regular, porque está sempre limpo”. “Boa, porque está sempre limpo”. “Regular, porque os alunos não dão valor e sujam”. “Regular, porque os próprios alunos jogam lixo no chão”...

3) Noturno: “Regular, porque deveria ter mais funcionários”. “Boa, porque não vemos sujeira na escola”. “Regular, porque falta vasculhar o telhado”. “Regular, porque às vezes encontramos a sala suja”. “Regular, porque tem muito aluno mal educado que suja o que encontrou limpo”...

Já em relação às condições dos banheiros, consideraram boa ou regular 95% dos questionados. No entanto, o turno que mais demonstrou estar incomodado com as condições do banheiro foi o matutino, no qual 15% assinalaram ruim.

Observemos o que eles escreveram em relação a essa questão dos banheiros:

- 1) Matutino: “Regular, porque as pessoas sujam muito”. “Boa, porque todo final de turno é limpo”. “Regular, porque às vezes encontramos o vaso entupido com papel higiênico”. “Regular, porque às vezes está com mau cheiro”...
- 2) Vespertino: “Bom, porque tem banheiro para deficiente e está adequado e limpo”. “Regular, porque sempre falta papel higiênico”. “Regular, porque os alunos não dão valor e sujam”...
- 3) Noturno: “Bom, porque estão sempre limpos e em boas condições de uso”. “Regular, porque às vezes estão entupidos”. “Bom, porque toda vez que eu vou está limpo”. “Regular, porque tem mau cheiro”...

Outro fator tão importante quanto a limpeza para o bom funcionamento da escola é a segurança. Quando questionados em relação a isso, o resultado foi o seguinte: sentem-se muito seguros ou seguros 78,3% do total, 18,3% se sentem pouco seguros e apenas 3,4% se sentem inseguros. Os estudantes do turno que se sentem mais seguros são os do matutino e o que se sentem mais inseguros são os do vespertino.

A segurança é um fator indispensável para a concentração e o desenvolvimento das atividades intelectuais. Em uma escola, é importante o estudante relaxar e estar despreocupado com possíveis ameaças. É necessário que se sinta confortável, acolhido e seguro para produzir.

Espaço relacional

As relações que se estabelecem no cotidiano escolar são de fundamental importância para a formação integral do indivíduo, uma vez que não se aprende apenas com os livros, mas também de forma significativa no conviver com o outro, no estar junto, no compartilhar ideias e experiências e até na administração das diferenças e conflitos.

Nessa co-existência e com-vivência, nessa navegação e nesse jogo de relações, o ser humano vai construindo seu próprio ser, sua autoconsciência e sua própria identidade.²⁰

²⁰ BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 92.

Dos educadores, são exigidos, além do domínio do conteúdo da disciplina que ministram e de metodologias e técnicas apropriadas para a socialização do conhecimento, muitas outras habilidades e cuidados. Para Delors, nesse contexto, “qualidades como a capacidade de comunicar, de trabalhar com os outros, de gerir e de resolver conflitos, tornam-se cada vez mais importantes”.²¹

A noção de qualidade precisa mudar profundamente: a competência profissional deve ser medida muito mais pela capacidade do docente estabelecer relações com seus alunos e seus pares, pelo exercício da liderança profissional e pela atuação comunitária, do que na sua capacidade de “passar conteúdos”.²²

O cuidado somente surge quando a existência de algum tem importância para mim. Passo então a me dedicar a ele; disponho-me a participar de seu destino, de suas buscas, de seus sofrimentos e de seus sucessos, enfim, de sua vida.²³

Quando questionados a respeito da qualidade da relação com os diretores dessa escola, 81,7% do total de estudantes avaliaram como boa e os demais, 18,3% avaliaram como regular. Uma relação saudável, fundamentada no diálogo e no respeito é de fundamental importância para a harmonia da instituição e para o desenvolvimento das atividades escolares.

Sentem-se à vontade para participar das decisões na escola 63,4% do total de estudantes e 33,3% assinalaram que, às vezes, se sentem a vontade. Apenas 3,3% não se sentem à vontade para participar. Esses dados reforçam a questão anterior e demonstram o perfil democrático que educadores, diretores e funcionários dessa escola estabelecem com o corpo discente. Essa postura contribui na formação de cidadãos ativos e capazes de participar como protagonistas das decisões que lhes dizem respeito.

Segundo Freire, “[...] nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo”.²⁴ Educadores dispostos ao diálogo horizontal e dispostos a construir e manter um

²¹ DELORS, 1999, p. 94.

²² GADOTTI, 2003, p. 26.

²³ BOFF, 2002, p. 91.

²⁴ FREIRE, 2000, p. 29.

ambiente participativo proporcionam uma boa qualidade nas relações entre os envolvidos no processo educativo.

O ambiente propício ao diálogo é criado apenas por um “[...] educador democrático, que aprende a falar escutando, é cortado pelo silêncio intermitente de quem, falando, cala para escutar a quem, silencioso, e não silenciado, fala”.²⁵

A relação entre colegas de classe também foi considerada boa, sobretudo, no noturno, chegando a 95%. No período matutino, 30% consideraram regular, índice maior entre os turnos. A relação com estudantes de outras salas está praticamente dividida entre boa e regular, aparecendo apenas 10% no matutino que assinalaram ruim. Esses dados demonstraram a necessidade de se desenvolver mais atividades com o propósito de integrar estudantes de classes diferentes de modo que melhore ainda mais a relação entre eles.

Espaço pedagógico

Os educadores do CERJA são graduados e pós-graduados, o que é um indicativo de que a equipe se especializa e, conseqüentemente, busca melhorar a qualidade dos serviços oferecidos aos estudantes. Muitos deles residem em outros municípios e, às vezes, lecionam outras disciplinas diferentes de sua formação, especialmente pela carência de encontrar profissionais graduados em áreas específicas.

Isso foi demonstrado no resultado do questionário, quando nenhum estudante assinalou que tem uma relação ruim com os educadores e 98,3% do total assinalaram que, sempre ou às vezes, os educadores trazem recursos interessantes para as aulas numa tentativa de tornar os encontros mais prazerosos e envolventes.

Ao avaliar os educadores dessa instituição, 93,3% dos estudantes questionados consideraram que todos ou a maioria dos professores dominam os conteúdos das disciplinas que lecionam. No entanto, 10% dos estudantes do matutino e 5% do vespertino assinalaram que apenas a minoria domina o conhecimento da disciplina que leciona e o único estudante que assinalou que nenhum dominava foi do noturno que também não considerava as aulas interessantes.

²⁵ FREIRE, 2000, p. 132.

95% dos questionados consideraram as aulas interessantes e muito interessantes, o que representa uma alta porcentagem e certa coerência com os dados analisados anteriormente. 96,7% deles assinalaram que participam sempre e às vezes ativamente das aulas, o que é um indicativo de que se consideram majoritariamente participativos e envolvidos nos encontros.

Quando questionados a respeito do grau de dificuldade das atividades avaliativas, 71,7% do total de estudantes questionados consideram regular, 23%, difíceis e apenas 5% consideram as avaliações fáceis. Atividades fáceis contribuem para cair o nível da escola e o déficit de conhecimento repercute consideravelmente no futuro dos educandos. Já em relação à exigência para com eles, 68,3% assinalaram que os educadores sempre eram exigentes e 31,7% assinalou que eram exigentes apenas às vezes. Esses dados podem ser um indicativo de que o perfil da escola analisada não é o de facilitar a aprovação sem as competências necessárias e essa exigência é de fundamental importância para melhorar a qualidade da educação oferecida.

Considerações finais

Escola não é apenas o espaço construído, mas é o espaço do cidadão, dos muitos cidadãos que trazem consigo um pouco de outros espaços, de outras pessoas, de outras realidades, enfim, escola é um lugar dinâmico enraizado no ambiente construído, que influencia e é influenciado por ele.

A pesquisa realizada, por ter caráter subjetivo, está entrelaçada com aspectos históricos, políticos, sociais, econômicos, culturais e com o intervalo de tempo em que foi realizada.

Assim, os estudantes do terceiro ano, que estudaram no CERJA em 2009 e responderam ao questionário, demonstraram satisfação em expressar suas opiniões e, através dessa pesquisa geográfica foi possível conhecer o perfil socioeconômico e cultural dos educandos, bem como a percepção que tinham do espaço que ocupavam.

Os resultados apresentados nos questionários demonstraram o que segue.

Em relação ao prédio

O CERJA está localizado em um bairro carente da cidade de Laje e o percurso é difícil devido à ladeira íngreme que dá acesso a escola.

A rua da escola não é pavimentada, dessa forma a poeira no verão e a lama no inverno provocam certo desconforto aos estudantes. Isso demonstra a ausência de planejamento urbano quando foi construído o prédio e a falta de iniciativa do Poder Público Municipal em proporcionar melhorias nas condições estruturais do bairro, de modo que melhore a vida da comunidade e facilite o acesso à escola.

Em contrapartida, o espaço interno é amplo, o telhado é bom e as salas são arejadas, ventiladas e bem iluminadas, além de possuir uma quadra poliesportiva adequada para a prática de atividades físicas.

A escola possui serviços de fotocópias, laboratório de informática e biblioteca, ainda que com uma quantidade limitada de livros.

A escola oferece livros de Português, Matemática, Geografia, História, Química, Física e Biologia para que os estudantes possam se preparar antecipadamente para as aulas e conseqüentemente interagir.

Apesar do pouco tempo de uso, o CERJA dispõe de alguns equipamentos didáticos e audiovisuais importantes para dinamizar o espaço escolar.

Os quadros são brancos, dispensando dessa forma, o uso do giz, cuja inalação do seu subproduto (pó de giz) poderia provocar problemas alérgicos.

Também estão sendo plantadas algumas árvores e construído jardins para harmonizar o ambiente.

Em relação ao comportamento coletivo

A condição do banheiro e limpeza da escola é boa, segundo o julgamento dos questionados, o que não significa que não pode ser melhorado.

O índice de violência é baixo, os estudantes, majoritariamente, têm um bom comportamento e se sentem seguros no CERJA.

Em relação às atividades docentes

A escola tem um perfil democrático e há uma boa relação entre gestores, estudantes, educadores e funcionários.

A equipe de educadores é qualificada e as reuniões periódicas contribuem na construção de estratégias para melhorar progressivamente a qualidade da educação oferecida na escola.

Quanto às questões sociais, econômicas e culturais

Grande parte dos estudantes matriculados reside na zona rural do município e utilizam o transporte escolar para se deslocar de casa para escola.

A maioria tem uma boa relação com familiares, vizinhos e membros da comunidade.

Foi possível observar que a maioria dos estudantes tem baixo poder aquisitivo e muitos trabalham para ajudar na renda mensal da família.

Em geral, os pais não estudaram ou fizeram apenas as séries iniciais.

Todos os estudantes consideram estudar importante, embora poucos tenham livros disponíveis em casa, não ganhem livros de presente e nem tenham o hábito de ler. Também são poucos os que possuem antena parabólica e têm acesso a computadores e internet.

Quase 100% do total de estudantes que responderam ao questionário afirmaram que gostavam de estudar nessa escola. Esse indicador de topofilia, ou seja, “um elo afetivo entre a pessoa e o lugar que vive”,²⁶ reforça a ideia do grande educador brasileiro Paulo Freire, quando afirma em um dos seus escritos que a escola é o lugar onde se faz amigos, que não se trata apenas de prédios, salas, quadros, programas, horários, conceitos...²⁷ E finaliza acrescentando que escola é, sobretudo, gente que trabalha, que estuda, que se alegra, se conhece, se estima, ou seja, é onde se constrói amizades e se estabelece relações afetivas entre os ocupantes.

²⁶ TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo de percepção, atividades e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980. p. 11.

²⁷ FREIRE, 1997.

O que os fazia gostar de estudar nesse ambiente era justamente o fato da “experiência”, o espaço transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor, segundo o geógrafo Chinês Yi-Fu Tuan.²⁸

Como se pode perceber, investigar *in loco* estudantes e promover sua participação por meio da pesquisa geográfica é um grande exercício de democracia e, certamente, um passo importante para melhorar a qualidade da educação oferecida.

Finalmente, pode-se afirmar que a pesquisa geográfica em escolas tem como objetivo conhecer com mais profundidade os estudantes de modo que seus resultados sirvam como bússola que oriente um projeto pedagógico condizente com a realidade dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Hugo. *Reencantar a educação: rumo a sociedade aprendente*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BOFF, Leonardo. *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

DELORS, Jacques (Org.). *Educação: um tesouro a descobrir*. 2. ed. São Paulo: Cortez; Brasília: MEC/UNESCO, 1999.

DEMO, Pedro. *Educação e qualidade*. Campinas: Papirus, 1994.

FREIRE, Paulo. *Educação e mudança*. 27. ed. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1979.

FREIRE, Paulo. Escola. *Revista da FAEEBA*, ano 6, n. 7, p. 9-32, jan./jun. 1997. Disponível em: <<http://www.projetomemoria.art.br/PauloFreire/obras/artigos/6.html>>. Vários acessos.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica*. 13. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP, 2000.

GADOTTI, Moacir. *Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido*. Novo Hamburgo: Feevale, 2003.

²⁸ TUAN, 1980, p. 7.

GADOTTI, Moacir. *Escola cidadã*. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2003.

SANDES, André Barreto. *Contribuição da pesquisa geográfica para a gestão educacional: estudo etnográfico no Colégio Ruy Jose se Almeida – Laje – BA*. Dissertação (Mestrado em Teologia). São Leopoldo: PPG – EST, 2010.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento crítico a consciência universal*. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo de percepção, atividades e valores do meio ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.